ECOLOGIA REPRODUTIVA E CONSERVAÇÃO DA TARTARUGA CABEÇUDA (*Caretta Caretta*) NO NORTE FLUMINENSE

Daphne W. Goldberg[1,2]; Flávio Brito[3]; Frederico Tognin[4]; Nilamon Oliveira Junior[5]; Gustave Gilles Lopez[4]; Rodrigo R. B. A. Silva[3]; Daniella T. Almeida[3]

[1] daphne@tamar.org.br (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Departamento de Bioquímica, Av. 28 de setembro 87 Fds 4o. andar – Vila Isabel, Rio de Janeiro, RJ, 20551-030)
[2] (Fundação Pró-Tamar, Rua Professor Ademir Francisco s/n – Barra da Lagoa, Florianópolis, SC, 88061-160)
[3] baciacampos@tamar.org.br (Fundação Pró-Tamar, Caixa Postal 114.262, Campos dos Goytacazes, RJ, 28010-972)
[4] protamar@tamar.org.br (Fundação Pró-Tamar, Caixa Postal 2219 Rio Vermelho, Salvador, 41950-970)
[5] nilamon@tamar.org.br (TAMAR-ICMBio, Av. Paulino Muller 1111, Jucutuquara, Vitória, ES, 29040-715)

Na região norte fluminense, os primeiros trabalhos com tartarugas marinhas foram iniciados em 1992, com a criação da Base Bacia de Campos do Projeto TAMAR-ICMBio. Entre 1992 e 2001, as atividades concentraram-se apenas no período de desova. Atualmente são realizadas durante todo ano. São monitorados 105 km de praia entre os municípios de Campos dos Goytacazes, São João da Barra e São Francisco de Itabapoana. O litoral norte do Rio de Janeiro é considerado uma área de extrema importância biológica por ser a área mais meridional da costa brasileira a apresentar um número significativo de desovas de tartaruga marinha. A determinação sexual destes quelônios depende da temperatura na qual os ovos são incubados – temperaturas mais altas produzem fêmeas e mais baixas, machos. Estudos indicam que áreas de desova localizadas na região nordeste produzem uma grande quantidade de fêmeas, ao passo que, praias localizadas na região sudeste, mais especificamente no Estado do Espírito Santo, produzem maior quantidade de machos, pois estão sujeitas a temperaturas mais baixas. Apesar destes estudos não terem sido realizados no Rio de Janeiro, é provável que os ninhos depositados na região gerem uma maior quantidade de machos. A cada temporada reprodutiva (setembro a março) são protegidas cerca de 1.000 desovas e liberados ao mar uma média de 76.000 filhotes. Desde a implantação da Base, até a temporada de 2010-2011 foram registrados 11.086 ninhos no litoral norte do Rio de Janeiro. Entre os 8.216 ninhos com espécie identificada, 8.205 (99,8%) eram de *Caretta caretta* (Cabeçuda), três eram de *Lepidochelys olivacea* (oliva), três de *Eretmochelys imbricata* (pente), três de *Dermochelys coriacea* (couro) e dois de *Chelonia mydas* (verde). Aproximadamente 833.000 filhotes foram liberados entre as temporadas de 1992-1993 e 2010-2011, sendo a maior parte da espécie cabeçuda. Entre as temporadas 2004-2005 e 2008-2009, 217 fêmeas de tartaruga cabeçuda em atividade reprodutiva foram marcadas. O objetivo da marcação foi identificar os animais e estudar seus hábitos comportamentais, padrões de deslocamento, além das taxas de crescimento e de sobrevivência. O comprimento curvilíneo de carapaça (CCC) médio observado foi de 100,5 cm ± 5,7 (86,5-114,5 cm) e a largura curvilínea de carapaça (LCC) média foi de 91,8 cm ± 4,7 (80,5-105,0 cm). Ao longo dos 20 anos de atuação do TAMAR nesta região, tem se registrado um aumento gradual do número de ninhos e, consequentemente, de filhotes liberados ao mar.

Palavras-chave: Reprodução, tartaruga marinha, Rio de Janeiro.